

ProfMat 2016

30 anos da APM

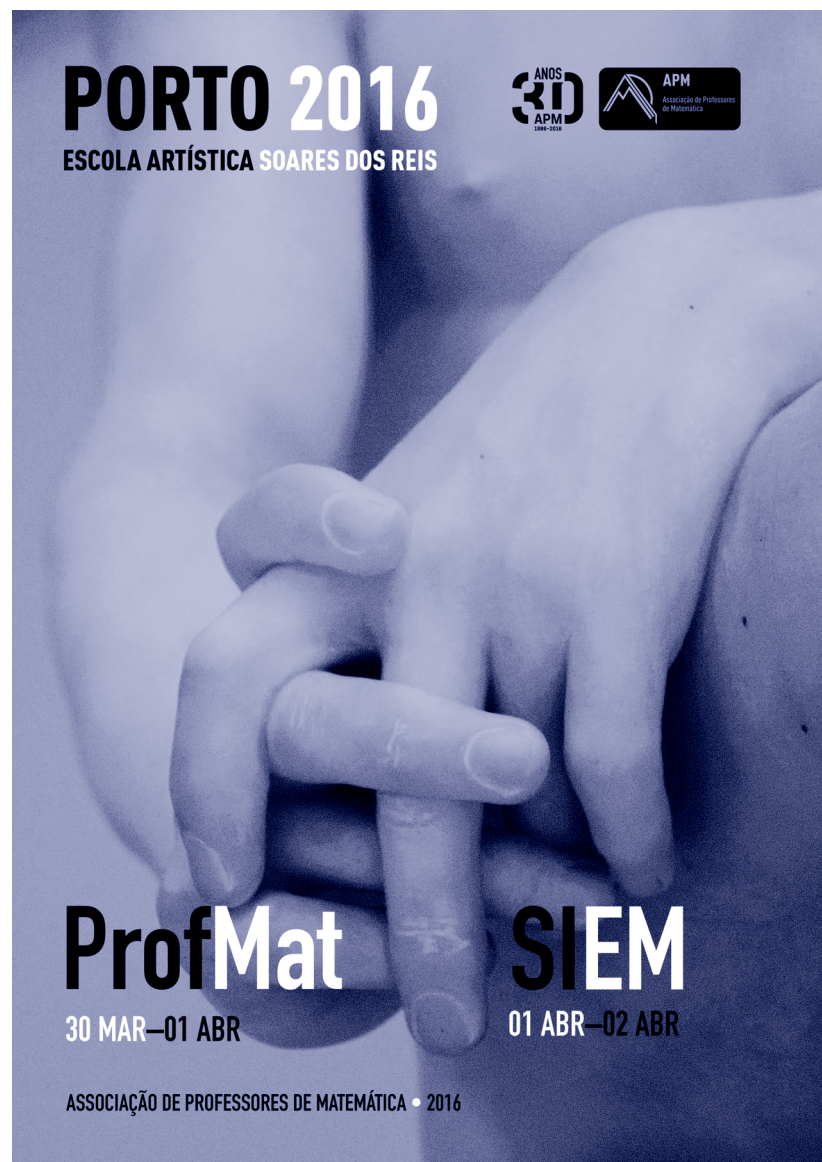
CATARINA FERREIRA E GISELA ARAÚJO

A APM e os ProfMat acompanham-me desde a minha formação inicial. A minha estreia nestes encontros foi em Leiria pelo ano de 1994, após ter terminado a minha licenciatura em Ensino da Matemática. O último foi há algumas semanas, na cidade do Porto. O ProfMat2016 concretizou-se nos dois últimos dias de março e 1 de abril — tempo de interrupção letiva. E é sobre este ProfMat que me desafiaram a escrever.

O vídeo com que nos presentearam na sessão de abertura permitiu-me contabilizá-los: estive presente em 19. Mas para mim este foi especial... Especial pelo conteúdo e pela forma.

Ao ser acolhida numa escola artística tive a oportunidade de ser surpreendida pela criação de quem ali estuda e estudou. Mas, para além das obras que surgem pelo espaço físico em que nos encontramos, cruzei-me com a disponibilidade de quem ali trabalha e que contribuiu para que os três dias de encontro fossem vividos intensamente. Sim, três dias mas de tal modo preenchidos que dei por mim a referir-me a um episódio num passado que parecia mais longínquo e, afinal, tudo se tinha passado apenas «ontem». Repetir aqui o agradecimento à comissão organizadora (em especial, obrigada Lurdes Figueiral, a nossa presidente) e à comissão do programa (também em especial, obrigada a Henrique Guimarães) e a todos aqueles que, para além do apoio logístico, resolviam os pequenos imprevistos e se despediam com o cumprimento simples «*Continuação!!!*» (com a deliciosa pronúncia do Norte).

Na sessão de abertura, momento solene de boas vindas e de discursos, fomos presenteados com o cubo comemorativo do aniversário da APM. Inspirado no *Cubo da Ribeira*, apoia-



se sobre uma secção que «expõe» três faces gravadas, revelando o símbolo da APM, com o traçado do rio Douro, o símbolo dos 30 anos da APM e a homenagem a todos os professores com uma frase de J. Kilpatrick — «Os grandes professores não nos ensinam apenas a fazer, ensinam-nos a ser».

Sendo já muitas vezes referido como um lugar de encontros, este trouxe-me um inesperado: reencontrei uma cara amiga, que conheço de outros contextos, com mais anos de ensino que eu, e que estava no seu primeiro ProfMat. Cruzei-me com ela em sessões, observei como consultava o programa (gesto tão identitário de um *profmatista*) e como teve o à-vontade para questionar uma conferencista. No final do encontro, confidenciou-me ter gostado imenso e referiu com satisfação que ficava para o SIEM, pois poderia aproveitar um pouco mais.



Ao ouvir que estava no seu primeiro ProfMat, senti-me uma privilegiada por ter tido a oportunidade de estar presente em tantos outros, com participações mais ou menos ativas, com balanços mais ou menos significativos. Voltei ao ProfMat, após um ano de interrupção voluntária, senti que não posso, que não o devo fazer mais. O ProfMat faz-me falta. O que sempre encontrei? Uma disponibilidade para a partilha: de professores, de todos os ciclos de escolaridade, que dinamizam as diversas sessões e dos convidados não pertencentes à comunidade da Educação Matemática que nos ajudam a olhar para nós mesmos e a «agitar as águas»; das bancas com inúmeros materiais com destaque para a banca da APM, sempre com alguma novidade, mas, acima de tudo, encontro nele pessoas preocupadas com o Ensino da Matemática.

A escolha das sessões a assistir, em alguns casos, implicou fazer concessões: queria assistir a momentos de discussão das metas curriculares, buscando o aconchego junto dos meus pares para as dificuldades que estou a sentir, mas optei pela conferência sobre investigação, classificação e definição de quadriláteros, curiosamente numa linha de trabalho oposta à preconizada nos novos programas, mas na qual eu verdadeiramente acredito.

As publicações do NCTM têm sido referenciais no meu desenvolvimento profissional e não deixei de assistir à apresentação das novas «Normas», que estão a ser traduzidas e serão publicadas pela APM, que no seu subtítulo aparecerá algo como «Assegurar o sucesso matemático para todos».

Um dos convidados exteriores foi Simão Palmeirim Costa, da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, que nos apresentou uma faceta do trabalho de Almada Negreiros: a Geometria na sua obra plástica. A conexão da Matemática com a Arte foi também evidenciada pelo projeto apresentado pela Catalã, *Mequè Edó*, da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Autónoma de Barcelona, na mesa redonda intitulada «Matemática e Arte: caminhos que se cruzam na busca da beleza». Foi contagiante o modo entusiasta com que apresentou o projeto desenvolvi-

do com crianças do pré-escolar em torno de uma escultura.

Numa outra mesa redonda, discutiram-se as Implicações do programa de Matemática A de 2013 no uso da tecnologia. Como podem as alterações curriculares colocar dúvidas na utilização da tecnologia? Coloca dúvidas a quem quiser contrariar o inevitável e ir contra todas as orientações da investigação, digo eu.

A última sessão plenária teve como convidada Maria do Céu Roldão da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa do Porto, e registo um momento da sua intervenção como uma chamada à razão para o nosso papel como professores que, em tantos outros momentos, fomos tão ativos e com boa voz na rejeição de opções educativas tomadas e que são consideradas totalmente inapropriadas.

A referência feita a algumas sessões é claramente redutora e provavelmente injusta por deixar de fora, com certeza, outros momentos, outras sessões, mais marcantes para outros *profmatistas*. Assim chamo agora ao texto a minha colega de faculdade e de escola, que se tornou amiga e que me acompanhou neste ProfMat.

— «Gisela, que realças? Voltar à tua cidade natal, festejar o teu aniversário no jantar do encontro sem dúvida não ficará de fora... Conta-nos!»

Sim, são 30 anos de APM, e é decididamente uma vida de ProfMats para mim, nos meus cerca de 20 anos de carreira!

Comigo também começou no meu primeiro ano de trabalho. Estávamos em Évora, 1995, e nunca uma época de seca terminou com tanta chuva! «Foi preciso o ProfMat ir a Évora para acabar com a seca!», dizíamos com boa disposição debaixo dos guarda-chuvas... Este companheirismo, a excitação do desafio de apresentar uma sessão pela primeira vez, convencidas um pouco à força, mas depois, decididas a fazê-lo de corpo e alma. Fizemo-lo com muito nervosismo, mas sempre com o gosto e a satisfação de enfrentar desafios. A seguir à dinamização de uma sessão, o ProfMat ganha outro gosto completamente diferente. Sentimos que também demos o nosso pequeno contributo.

Tal como tu, Catarina, sinto que muitas vezes o difícil nos Profmats é escolher a que sessão assistir. Há sessões suficientemente boas para nos tirar cedo da cama depois do cansaço de dias muito preenchidos. Há toda uma variedade de sessões práticas e Workshops para quem, como eu, gosta de «por a mão na mas-





sa» e visitar as carteiras da escola no papel do aluno. Há Grupos de Discussão, Conferências com Discussão e Mesas Redondas onde podemos ouvir diferentes perspectivas sobre um tema e partilhar ideias, várias Comunicações Orais, ou Apresentações onde podemos ficar a par das novidades e, claro, as Sessões Plenárias.

Neste ProfMat, revisitando os 30 anos de APM percebi que, apesar de ultimamente não o ter voltado a fazer, uma das componentes mais gratificantes para mim, e com a qual mais cresci como professora, foi quando trabalhei com outros professores para preparar a dinamização de uma sessão. O trabalho que fiz com a Rita Bastos sobre Geometria Dinâmica passou a fazer parte da minha maneira de pensar nas aulas. A apresentação que fiz com a Helena Paradinha sobre a evolução dos enunciados das tarefas que construíamos em conjunto, no início da minha carreira quando, graças à possibilidade de desdobrar as turmas e à criação de Laboratórios de Matemática, conseguimos lecionar capítulos inteiros com recurso aos computadores, são momentos em que «aprendi a ser».

Mas há também essa outra componente importantíssima para mim que já referiste, de podermos sentirmo-nos apoiados nas muitas discussões sobre alterações aos Currículos, Programas, Metas e acima de tudo esta infeliz necessidade que os governos têm de estar sempre a mudar as regras a meio do jogo.

Tudo isto polvilhado de reencontros com «velhos» colegas da faculdade e os colegas que fomos fazendo no ProfMat ao longo dos anos, em cada pequena pausa entre sessões, junto da banca da APM, nos *coffee-breaks* em que somos sempre tão bem recebidos, nos programas culturais...

É claro que não há bela sem senão! Uma das dificuldades continua a ser o facto de termos perdido a licença especial de formação e, por isso, o ProfMat não poder realizar-se fora das interrupções letivas. Estes períodos são essenciais para recuperar o fôlego, estando com a família, e poder preparar as aulas com mais tranquilidade. Abdicar disso não é nada fácil e deixa marcas. Os filhos carinhosamente exi-

gem-nos esse tempo e nós também não queríamos abdicar dele! Talvez por isso sejamos menos a estar presente nos ProfMats e, ainda menos, os que partilham/dinamizam alguma sessão. Essa é sem dúvida uma das grandes perdas.

Mesmo assim, foi com satisfação que no BIP (Boletim Informativo do ProfMat) me delicieei com o testemunho de dois colegas. Um desses *profmatistas*, Catarina, tal como a tua colega referia que era a primeira vez, também ele estava a sentir este espírito familiar de camaradagem e partilha. O outro porque focava um aspeto que também tem sido determinante para eu participar tantas vezes no ProfMat, pois no seu grupo também existe um «organizador». Também no nosso ela existe. Quando ela lança o primeiro email, de uma longa cadeia de emails em que nos vamos desafiando umas às outras para ninguém faltar, o nosso ProfMat começa! Sem isto eu iria? Provavelmente sim. Mas não era a mesma coisa!!!

O ProfMat é sempre um dos pontos altos em cada ano letivo. Regresso com as minhas baterias matemáticas e pedagógicas carregadas, cheia de entusiasmo e de vontade de pôr em prática o que aprendi. Regressa-se com uma panóplia de tarefas e ideias para aplicar com os alunos. É tão gratificante ver a satisfação deles quando consigo contagiá-los com este entusiasmo!

Este ano foi especialmente marcante. Estava na minha cidade natal e fiz 45 anos no dia do jantar do encontro. Ver todas estas caras conhecidas a cantarem-me os parabéns foi muito agradável. Mas, acima de tudo, foi graças à extraordinária participação da Leonor Filipe, primeira presidente da APM, na Sessão Comemorativa dos 30 anos, que, nas suas referências à primeira mulher matemática, que se tinha de vestir de homem, e à primeira mulher professora que já pode vestir-se de mulher, embora de forma muito discreta, me lembrei das histórias que a minha mãe, professora primária, me contava em como só depois do 25 de abril pôde usar calças no trabalho e pôde votar nas eleições. Nesta altura, com a descrição de todos os avanços e recuos que existiram até à criação da APM, percebi que, tal como a Liberdade, a APM não é um direito adquirido. Foi difícil criá-la e é difícil mantê-la!

Que privilégio é ter uma associação profissional com este dinamismo que contribui de um modo tão significativo para a nossa visão sobre o que pode e deve ser o Ensino da Matemática e, em consequência, a nossa prática letiva. Encontramo-nos em 2017, em Viseu.

CATARINA FERREIRA E GISELA ARAÚJO
ESC. SEC. BRAAMCAMP FREIRE, PONTINHA